

AS TECNOLOGIAS NA TRANSFORMAÇÃO DA EDUCAÇÃO: SEM FORMAÇÃO?

The Technologies in the Transformation of Education: Without Training?

Marilucia Maria da Silva¹, Vilma Cleucia de Macedo Jurema Freire
1. marilucialua@hotmail.com

Resumo

O presente artigo apresenta algumas reflexões sobre os limites e desafios no uso das TIC's e a formação docente dos professores de língua materna e discute a prática de leitura hipertextual para o desenvolvimento de um leitor crítico. Nessa direção, aponta-se a multiplicidade de fatores envolvidos que dificultam, porém não impossibilita essa ação educativa. Conclui-se que é inegável um avanço quantitativo em relação às práticas de leitura e escrita, pois já se escreve mais do que em outros tempos, compete a nós profissionais da linguagem não tão-somente discriminar tais leituras e escritas, antes torná-las nossos importantes aliadas na formação leitora qualitativamente e, conseqüentemente, na produção de conhecimento, na cotidianidade escolar.

Palavras-chave: Formação docente, língua materna, TIC's.

Abstract

The article presents some reflections on the limits and challenges at use of the ICT and the teacher training of native language teachers furthermore discuss the reading practice of hypertexts to develop the critical reader. This way, pointing the multiplicity of factors involved that difficult, but impossible educational action. We conclude that it is undeniable a advance quantitative in relation the practice reading and writing, because nowadays we write more than in other times, behooves us language professionals not merely discriminate such reading and writing, before make then our important allies at reader training qualitatively and consequently in production of knowledge, in school everydayness.

Keywords: teacher training – native languager – ICT's.

Introdução

O presente artigo objetivo apresentar algumas reflexões e sugestões de leituras hipertextuais para o desenvolvimento de um leitor crítico que interaja com o texto, atribuindo sentidos e buscando a compreensão. Este artigo corresponde a um recorte de uma pesquisa de dissertação de mestrado realizada com professores de Língua Portuguesa do Ensino Médio numa escola pública do estado de Pernambuco sobre a sua prática pedagógica, a formação leitora destes e dos seus educandos. Nesse sentido, embora as TIC's não fossem o foco da investigação, foram destacados aspectos que parecem necessários de um aprofundamento teórico para uma melhor

compreensão do conhecimento em educação e tecnologia, devido às dificuldades que alguns destes docentes têm de lidar, na escola pública, com essa nova realidade tecnológica.

Diante do exposto, a finalidade é aprofundar a temática a fim de, apontar tendências que possam vir a contribuir com a consolidação dos estudos referentes à aproximação entre educação e tecnologia, mais precisamente das tecnologias da informação e da comunicação (TIC), gerando paradigmas de reconfiguração destas últimas no processo educacional (Bernstein, 1996). Posto que, as TIC's originam múltiplas potencialidades, instituem numerosos novos cenários e proporcionam ambientes (reais ou virtuais) extremamente ricos e promotores de ações pedagógicas na construção do conhecimento, desde que bem orientados.

Em busca dos sentidos atribuídos à presença das TIC's, da reconfiguração dessas práticas e do conjunto de reflexões sobre elas, foram assumidas duas questões relacionadas: Como promover uma formação para que os professores de língua materna possam utilizar as Tecnologias da Informação como aliadas, de fato, na formação leitora dos educandos? Em vista disso, define-se o objetivo geral: Compreender de que modo promover uma formação para que os professores de língua materna possam utilizar as Tecnologias da Informação como aliadas, de fato, na formação leitora dos educandos. Enquanto os objetivos específicos: Analisar que métodos e estratégias de leitura estão sendo utilizados, em especial, nas aulas de Língua Portuguesa com o uso as TIC's na formação de leitores; averiguar a relação entre formação docente dos professores do Ensino Médio e as dificuldades destes em desenvolver uma prática de leitura com a incorporação das novas tecnologias.

O artigo está organizado em seções: na introdução, aborda-se as motivações que originou a necessidade do aprofundamento teórico da temática e o objetivo geral e os específicos. O referencial teórico, está dividido em duas partes: 1. A integração das tecnologias educacionais: como ensinar aos nativos digitais no cenário atual, ou seja, como se concretizam o uso das tecnologias da informação e comunicação pelos professores de Língua Portuguesa no cenário educacional atual nas práticas de leitura escolares. A segunda parte: 1.1 Leitur@s em rede: a formação do leitor virtual, em que apresenta uma reflexão sobre a leitura hipertextual na formação de leitores reais na perspectiva de Kramer, para formação de uma comunidade de leitores virtuais e os inúmeros desafios, vários deles existentes no cerne do próprio ambiente escolar. Em seguida é apresentada a metodologia, os resultados, as considerações finais e as referências que fundamentaram este estudo.

Nessa perspectiva, a questão central, portanto, diz respeito aos modos de incorporação das tecnologias da informação e da comunicação (TIC) aos processos pedagógicos. Posto que, constata-se a imposição do sistema desses novos projetos de comunicação sem a devida formação dos docentes, pois o acesso às ferramentas tecnológicas não pode ser confundido com sua apropriação. Assim, o professor se sente “confuso” quanto a sua atuação diante dessa nova realidade escolar, por vezes caminha numa busca solitária, tentando satisfizer a esse perfil ansiado, ou melhor, imposto pelo sistema de ensino. Assim, “não se trata de fazer uma crítica ao professor, e sim de deixar claro que há um silêncio eloquente: a voz do professor não é apenas suprimida, mas tem efeito de interferência naquela produzida para ele, que poderia ser dita por ele” (ANDRADE, 2007, p. 97).

A partir da análise da realidade das escolas públicas, especificamente das aulas de Língua Portuguesa, constata-se a inquietação desses professores em entender o processo de leitura e os fatores que contribuem na formação de leitores reais na perspectiva de Kramer. Haja vista que, a leitura no mundo contemporâneo é a habilidade intelectual mais importante a ser desenvolvida e cultivada por qualquer ser humano, sem desmerecer os conteúdos que precisam ser trabalhados pelo professor, pois ela possibilita a concretização de projetos de vida, o acesso aos ambientes virtuais e o intercâmbio nesses meios. Aqueles que, de fato, são leitores têm muito mais possibilidade de usufruir da internet em prol do seu crescimento e exercer sua cidadania ativamente na sociedade.

Referencial Teórico

A Integração das Tecnologias Educacionais: como Ensinar aos Nativos Digitais no Cenário Atual

O professor foi preparado para ser o detentor do conhecimento, mas diante das evoluções tecnológicas e sociais que promoveram a incorporação do oceano de conhecimentos presentes nos hipertextos da internet, inseridos na cotidianidade da escola, estes buscam caminhos alternativos para redirecionar suas práticas, pois os estudantes se apropriaram muito mais rápido dessas tecnologias do que muitos profissionais da educação. Além disso, ignorar o fato de que, mesmo na sociedade da informação há profissionais que não têm se dedicado a essas leituras no meio virtual, é desconsiderar as situações de muitos destes que povoam as escolas públicas brasileiras.

Assim, Paraphrasing Janssen Felipe (2011), o professor vive na tensão entre a resistência do paradigma dominante e a emergência de novos paradigmas. Visto que, para a utilização dessas novas tecnologias é imprescindível “um conhecimento técnico mínimo da parte do professor, das regras de leitura e interpretação destas informações e uma abordagem interdisciplinar do conhecimento e do ensino, que oriente diferentes disciplinas” (BELLONI, 2003, p.72). Tendo em vista, a inter-relação entre pesquisa, formação de professores e prática pedagógica com o uso das TIC na educação se transforma e avança a partir da produção de novos conhecimentos. Assim, [...] Evidenciou-se que para inserir as TIC na escola é fundamental investir não só na formação de professores, mas envolver todos os atores educacionais que atuam nos ambientes educativos no uso de espaços de aprendizagem interativos que favoreçam a representação de ideais, a construção do conhecimento, a troca de informações e experiências e a aprendizagem significativa e prazerosa, tendo como pano-de-fundo o desenvolvimento de projetos e o estudo de problemáticas do cotidiano (ALMEIDA, 2010, p.6 e 7).

Nesse contexto, “com o uso de ambientes virtuais de aprendizagem redefine-se o papel do professor que finalmente pode compreender a importância de ser parceiro de seus alunos e escritor de suas ideias e propostas, aquele que navega junto com os alunos” (ALMEIDA, 2010, p. 14). Em contrapartida: a tecnologia, que possibilita ao homem um maior domínio do conhecimento, tende a transformar a vida cotidiana em uma prática impensada e mecânica. Os docentes precisam estarem preparados para lidar com as tecnologia, ao longo do tempo precisa estar informado para lidar com alunos com estas ferramentas, pois a velocidade e a quantidade com que as informações chegam não quer dizer que há um acesso ao conhecimento, que segundo Maria do Céu Roldão (2000, p. 13):

Porque um dos graves problemas do tempo actual e do acesso indiscriminado à informação é que isso vai marcar a diferença entre aqueles que, perante a informação, têm instrumentos para organizar, para buscar e seleccionar a informação adequadamente, e os que não têm [...] Mas uma nova diferenciação, porventura mais drástica, emerge desta diferente possibilidade que as pessoas tenham de aceder ou não ao conhecimento – quando digo aceder ao conhecimento digo terem-se apropriado de instrumentos que lhe permitam usar com eficiência o saber – para a sua vida profissional, para a sua vida pessoal, para o famoso aprender ao longo da vida. “Ganha” quem souber fazer isso bem e quem tiver competência de usar a informação, de a seleccionar e de a converter em conhecimento (ROLDÃO, 2000, p. 13).

Logo, o volume de informações aumenta em tempo recorde, no entanto, o papel do professor como responsável pela mediação entre o conhecimento e seus educandos se torna cada vez mais imprescindível dada a necessidade de conversão de informações em conhecimento.

Assim, o impacto da inovação tecnológica sobre o dia-a-dia dos homens exige que o saber técnico seja mediado pela prática histórica concreta e devidamente planejada. Posto que: “O lado humano envolvido no ensino, representado pelos alunos e professores, constitui uma realidade dinâmica, complexa e imponderável, impossível de ser inteiramente prevista, como parece subentender a burocracia estatal” (LÜDKE, 2007, p.1182).

Nessa perspectiva, consoante Lima (2015, pp. 41-42) compreende-se que muitos são os conhecimentos, habilidades e competências que podem (ou precisam) ser adquiridos e

desenvolvidos pelo professor da Educação Básica. Tudo vai depender das políticas de implementação de tecnologia em seu ambiente de trabalho, da sua área de atuação, do seu público-alvo, da sua disponibilidade para adequar-se as mudanças perene revolução oriundas da revolução tecnológica.

Nesse sentido, o desafio que se apresentam aos professores no cenário educacional é ler para compreender os processos históricos que resultaram na crise educacional em que vive o sistema educacional brasileiro, e evoluir na busca de novos paradigmas de enfrentamento dos condicionalismos existentes, com outras alternativas pedagógicas. Posto que: “na escola pública brasileira também, na maioria das vezes, alunos e professores produzem algo cujo sentido lhes escapa; eles não se reconhecem no produto de seu trabalho”. O trabalho do professor é alienante porque ele está sobrecarregado pela burocracia (KLEIMAN E MORAES, 2006, p. 34).

É importante salientar que as inovações das práticas pedagógicas na materialização do trabalho, aliado a realidade social do educando, são imprescindíveis para instigar sua permanência e envolvimento deste nas atividades escolares. Uma vez que, na concepção de Gomes (2002, p. 65), o “tecnicismo por si só não garante uma melhor educação. [...] se a oferta educativa, ao se modernizar com a introdução das novas tecnologias, se alarga e até melhora, a aprendizagem, no entanto, continua uma dúvida”. Todavia, a ausência de uma formação apropriada dos professores para o bom desempenho em pesquisa e a sobrecarga de trabalho restringe o tempo que o professor disponibilizaria para essa prática e, conseqüente seu acesso às novas tecnologias. “Mas acima de tudo, estudar precisa ser um ato de prazer, de seduzir-nos por aquilo que estamos lidando, de criarmos intimidade, de adentrarmos no objeto de estudo e sermos contaminados pelo encanto de conhecer, de ir além do sabido” (SILVA, 2010, p. 15).

Nessa direção, a formação pode promover essa tomada de consciência, a superação do individualismo e competitividade, através da instauração da reflexão individual e coletiva, a fim de fazer com que “as práticas possam ser colocadas em palavras e elucidar as causas das questões educativas. Em seguida, cada um escolherá se deseja retomar suas rotinas ou se vai tentar modificá-las” (PERRENOUD, 2002). Nesse contexto, compreendemos que essa reforma não partirá de todo um coletivo de professores de determinada(s) rede(s) de ensino, mas de um profissional ou de um pequeno grupo de professores que tem responsabilidade social, um começo desviante e marginal de que fala Morin (2004), daqueles que acreditam na regeneração da educação e no seu poder de transformar, para melhor, as mentes humanas. Parafraseando Boaventura (2008), devemos tentar dialogar com outras formas de conhecimento, deixando-se penetrar por elas.

Assim, um professor crítico, embora na condição de oprimido, e por vezes de opressor, que esteja predisposto a mudança, à aceitação do diferente, tentará mudar o mundo a partir da realidade da sua sala de aula, pois ensinar exige respeito à autonomia do ser educador (FREIRE, 2003). Além disso, precisa ser um educador aberto a riscos, mudanças, erros e acertos, pela crença de um amplo projeto educacional emancipador. Posto que, o uso das tecnologias de informação e comunicação possibilita os professores e alunos [...] ler, atribuir significados, trocar informações e construir conhecimento, num movimento de ler, refletir e reler, favorecendo o desenvolvimento pessoal, profissional e grupal, bem como a compreensão da realidade e a atuação na transformação da sociedade (ALMEIDA, 2010, p.7). Além do mais, [...] “independente da qualidade da formação inicial dos professores, está deve ser completas com cursos de aperfeiçoamento e capacitação ao longo de toda vida profissional do professor”. (HERGARTY, 2004, p.211). Diante disso, os professores devem buscar a superação do analfabetismo tecnológico a que muitos estão inseridos na era da informação e, em parceria com outros atores educacionais (professores, estudantes, técnicos...), usar as TIC's em como aliadas de suas práticas educativas.

Leitur@s em Rede: a Formação do Leitor Virtual

Antes de entrar na discussão propriamente dita, vale apenas discutir sobre alguns aspectos relativos à carência cultural, a relação com o livro e como a identidade de professores de Língua Portuguesa leitores ou não-leitores, foi sendo construída ao longo da história, durante a formação acadêmica. Durante o Período colonial, não se dispunha de um aparelho cultural que garantisse a produção e a circulação da literatura; bibliotecas e escolas eram privilégios das ordens religiosas; na época a atividades editorial encontrava-se em franca expansão na Europa, na

segunda metade do século XVIII, a Metr pole proibiu o funcionamento de prelos e extinguiu as possibilidades de implanta o na América, desse ramo industrial (Zilberman, 1995). Mesmo com a separa o de Portugal 1822, não melhorou o quadro geral, embora tenha aumentado consideravelmente o número de editoras, jornais e bibliotecas. Mas o sistema educacional permanece fragilizado, a manuten o do regime escravocrata até quase o final do século impediu a populariza o da escola (Idem op. cit.). S  após esse período, surgiram livros nacionais de leitura destinados às séries iniciais da escolariza o.

O mundo atual tem sido palco de constantes transforma es no campo das ciências e da tecnologia, novas descobertas vão sendo realizadas e novos conceitos vão sendo criados e recriados em todas as áreas do conhecimento. Este progresso adv m de forma tão acelerada, que muitas vezes não se conseguiu acompanhar de forma adequada. O conhecimento não se restringe aos livros e ao material impresso. Assim, convém que os professores reflitam a respeito das habilidades de leitura exigidas para incentivar o leitor virtual, diante da facilidade de acesso das redes virtuais, bem como pesquisar, discutir e analisar em parceria com outros profissionais, o perfil desse tipo de leitor.

Visto que, compreende-se que o professor deve estar engajado na contemporaneidade “em um plano de a o cognitiva, isto  , levar o seu leitor a perceber o texto como um constructo de sentidos e que para isso os tantos gêneros textuais que temos a nossa disposi o necessitam do leitor para compartilhar da responsabilidade de intera o e sentido” (DINIZ, 2008, p.9). Consoante Martins et al (2015, p.6): “  possível produzir na aula de língua portuguesa um ambiente dinâmico, capaz de satisfazer as ansiedades apresentadas pelos jovens da gera o digital, de modo a tornar o ensino/aprendizagem mais significativo”. Em contraposi o, para conseguir formar uma comunidade de leitores virtuais   preciso enfrentar inúmeros desafios, vários deles existentes no cerne do próprio ambiente escolar: a escassez de computadores nos laboratórios, a falta de profissionais que auxiliem no uso dos mesmos e, principalmente a maioria dos nossos estudantes ainda não terem acesso   internet e esses recursos tecnológicos fora da institui o educacional. Todavia, “a escola tem a obriga o de assegurar a todos o acesso ao conhecimento e, nesse sentido, garantir condi es para práticas reais de leitura e escrita   seu dever” (KRAMER, 1997, p. 38). Nesse sentido, em rela o ao professor, [...] “a sua experiência particular de leitor seria fundamental se lhe pudessem transmitir essa aprendizagem através de relatos pessoais das experiências de como lida com a leitura ao trilhar esse caminho de professor leitor apesar das limita es da forma o e da prática docente na contemporaneidade” (ANDRADE, 2007, p. 12).

Visto que, a amplia o sociocultural dos computadores força-os a refletir profundamente a respeito do seu uso no ambiente pedagógico, para que os estudantes sejam participantes de pesquisas, devidamente orientadas, na perspectiva da a o-reflexão-a o, na (re)constru o do conhecimento, que não dispensa o papel do professor para elevar a qualidade social da educa o. Posto que: “As TICs trazem contribui es   produ o escrita e   leitura prazerosa apontando novos horizontes para a forma o de uma sociedade de leitores e escritores. Por trata-se de uma nova forma de expressão do pensamento e intera o” (ALMEIDA, 2010 p. 1).

Todavia, sem analisar e compreender as contradi es existentes na sociedade brasileira: “[...]... o professor estará incapacitado de posicionar-se com lucidez frente às duas concep es de leitura expostas neste estudo, discriminando suas orienta es e tendências. Neste caso   bem provável que, inocentemente, ele caia nas malhas da ideologia dominante” (MELO, 2004, p. 113).

Somado a isso, os estudos de Livingstone (2004) define para quem almeja promover qualquer política de liter cia midiática entre a popula o, convoca-nos a uma aprecia o crítica em liter cia, especificamente na propor o em que as pesquisas realizadas no mundo acad mico são empregadas para apoiar a política. Indiscutivelmente, não obstante,   a rela o entre textualidade, competência e empoderamento que determina aqueles que veem a liter cia como forma de democratiza o, a apropria o dos cidadãos em oposi o aqueles que a veem de modo “elitista, divisionista”, razão de desigualdade social. Visto que, “as escolas não podem mudar sem o empenho dos professores; e estes não podem mudar sem uma transforma o das institui es em que trabalham. O desenvolvimento profissional dos professores tem que estar articulado com as escolas e aos projetos” (N VOA, 1995, p. 28). De acordo com a pesquisa de Buckingham (2003), a princípio, os professores devem dar início a prática de liter cia digital, inquirindo os conhecimentos das m dias digitais dos educandos para medi -los a pensar e utilizar as ferramentas digitais com mais autonomia e criticidade.

Ademais, a multiplicidade de gêneros é infinita, pois as atividades linguísticas são infindáveis, conforme os postulados de Bakhtin: “[...] a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporá um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa” (2010, p. 279). Nessa direção, adota-se a perspectiva de leitura de Foucault (1994, p. 05): “Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é”.

Consoante Kerski (2007), o progresso social do homem entrelaça-se com as tecnologias produzidas e aplicadas empregadas em cada período. Distintas épocas da humanidade são distinguidas pelo progresso tecnológico correlato. Considerando que: “diante de um hipertexto e de tantos gêneros emergentes (e-mail, Orkut, Messenger, fóruns...), o leitor não está isento das mesmas responsabilidades que exigem a leitura, ele passará pelas mesmas etapas de seleção, objetivo e construção de sentidos” (DINIZ, 2008, p. 13). Na atualidade, a leitura hipertextual tem se revelado uma experiência “de construção de sentidos e de formação humana, que se bem utilizada pode contribuir para uma aprendizagem significativa, que instrumentalize os alunos para uma leitura ampla e funcional dentro e fora da escola” (GROU, 2008, p.11). Assim, menciona Pereira (2005, p. S/n). [...] “é na atividade educacional que o hipertexto tem uma participação essencial. São inúmeras as possibilidades de sua aplicação na área do ensino/aprendizagem que, certamente, quando bem utilizadas, proporcionarão aos usuários desta nova tecnologia um avanço ilimitado na aquisição de conhecimentos”.

Metodologia

A investigação tem sempre, como ponto de partida, uma situação real com a qual o professor investigador se depara no seu cotidiano, está insatisfeito ou que deseja aprimorar e, como ponto de chegada, aquela circunstância que deseja que se concretize.

A fim de ampliar a nossa compreensão e sobre a temática abordada nesse estudo, foi utilizada a pesquisa bibliográfica. Esta possibilita um alcance maior as informações, assim como, permite a utilização de dados de diversas publicações, ajudando na definição de um quadro conceitual que envolve o objeto de estudo (Gil, 1994).

Resultados

Na contemporaneidade vivemos no contexto digital que resulta numa “terceira revolução do ato de ler”, marcada por uma sucessiva expansão da leitura mediada por dispositivos digitais. Os computadores domésticos e a Internet tornam-se cada vez mais presente nas instituições educacionais e nos lares brasileiros. Simultaneamente o país busca superar um quadro histórico de atraso educacional. Considerando que a leitura exerce um papel fundamental, tanto para os processos educativos quanto para a formação do indivíduo e sua participação cidadã no mundo moderno. As transformações propostas, demanda ações imediatas dos profissionais da educação e do Sistema de educativo para “atenuar” essa distância entre a ação pedagógica e a evolução tecnológica tão perceptível na sociedade do conhecimento.

Nessa direção, emerge a necessidade de valorizar o potencial educativo das tecnologias móveis, enquanto dispositivos de comunicação, mobilizados no cotidiano para a leitura, pesquisa de informação e para a construção do conhecimento, de maneira que se possa pensar e analisar a viabilidade da construção de novos cenários educativos, abertos à inovação tecnológica, à interação e ao trabalho colaborativo. Nesta nova perspectiva o computador é concebido como um recurso didático adicional na sala de aula (Lobato, 2013).

Considerações Finais

A comunicação virtual mudou de maneira significativa a sociedade e influenciou o modo de ler e de escrever das pessoas. A capacidade criativa do homem evolui continuamente, contudo, essa nova realidade tecnológica exige dos profissionais da linguagem a reconfiguração dos métodos, criatividade e adequação a esses gêneros emergentes (hipertextos).

É imperativo, é incentivar a leitura a partir dos espaços virtuais que mais estão sendo utilizados pela juventude, ensinar a construir sentidos nos mais diversos textos, mesmo que em algumas situações a linguagem dos programas de bate-papo, mensagens de facebook, de blogs entre outros, se assemelhe a cifras. Tentar fazer uma adequação para que a partir desses gêneros textuais, outros mais sejam inseridos pela própria ação e necessidade individual do leitor/escritor. Nessa perspectiva, é inegável um avanço quantitativo em relação às práticas de leitura e escrita, pois já se escreve mais do que em outros tempos, compete aos profissionais da linguagem não tão-somente discriminar tais leituras e escritas, antes torná-las importantes aliadas na formação leitora qualitativamente e, conseqüentemente, na produção de conhecimento, na cotidianidade escolar.

Por fim, o desafio está lançado para quem almejar aprofundar a investigação deste objeto de estudo. Nosso intento é retomar essas questões que tanto nos instiga com outros trabalhos, a fim de ampliar nossos conhecimentos e contribuir com reflexões que contribuam para minimizar a realidade de crise que vivem os atores educacionais da escola pública que constituiu nosso palco de pesquisa.

Referências

- ALMEIDA, Geraldo Peçanha de Almeida. **Práticas de leitura para eleitores**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed.Walk, 2010.
- ANDRADE, Ludmila Thomé de. **Professores leitores e sua formação**: transformações discursivas de conhecimentos e saberes. Belo Horizonte 1. Ed. Ceale: Autêntica, 2007.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BELLONI, Maria Luiza. **Educação à distância**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.
- BERNSTEIN, B. **A estruturação do discurso pedagógico**: Classe, códigos e controle. Petrópolis: Vozes, 1996.
- BUCKINGHAM, D. **Media education: Literacy, learning and contemporary culture**. Cambridge: Polity Press 2003.
- DA COSTA LIMA, Simone. **PARCERIAS DIGITAIS E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA: UM ESTUDO À LUZ DA TEORIA DA ATIVIDADE**. 2015.
- DINIZ, Kelly Christine Lisboa. **A contribuição dos gêneros emergentes (hiper [textos]) para as novas leituras e escrita**. Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos CIFEFL, VOL. XI, N° 07 Rio de Janeiro: 2008.
- FOUCAMBERT, J. **A Leitura em Questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FREIRE. Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.
- GÓMEZ, Guillermo Orozco. Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI. **Comunicação & Educação**, n. 23, p. 57-70, 2002.

GROU, Margareth Aparecida. **A leitura hipertextual na construção de sentidos e formação humana**. Maringá 2008. MA Grou – Disponível em diaadiaeducacao.pr.gov.br. Acesso em 26/12/2013.

HERGARTY, Seamus. **Como enfrentar o fracasso das escolas**. In: MARCHESI, Gil e colaboradores. **Fracasso escolar: uma perspectiva multicultural**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KLEIMAN & MORAES. **Leitura e interdisciplinaridade**. 6. ed. Campinas, SP: [S. n.], 2006.

KRAMER, Sônia. **Da prática de pesquisa à prática de formação** 1. Texto apresentado na XX Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, Rio de Janeiro setembro de 1997. Disponível em 189.1.169.50/rbe/rbedigital/RBDE07/_04_SONIA_KRAMER.pdf >acesso em 10 de 08 de 2010.

LIVINGSTONE, Sonia. Media literacy and the challenge of new information and communication technologies. **The Communication Review**, v. 7, n. 1, p. 3-14, 2004.

LOBATO, Anabela Lopes. **As tecnologias móveis no processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa**. 2013. Tese de Doutorado. Disponível em <http://hdl.handle.net/10451/10278> acesso em 15 de junho de 2016

PEREIRA, Magda Chagas. **Algumas considerações sobre a leitura do hipertexto**. Revista ACB: Biblioteconomia. [Absc.org.br/racb/article/view/328/386](http://absc.org.br/racb/article/view/328/386). Santa Catarina. 2005. Acesso em 20/07/2013.

MARTINS DE OLIVEIRA, Eneida; COSTA SILVA, Bruna; ARAGÃO SÁ, Jullyana Queiroz. O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA. **Iniciação & Formação Docente**, v. 1, n. 2, 2015.

MELO, José Marques. **Os meios de comunicação de massa e o hábito de leitura**. In: Valdir Heitor (Org.). Estado da leitura. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

LÜDKE, Menga; BOING, Luiz Alberto. O trabalho docente nas páginas de Educação & Sociedade em seus (quase) 100 números. **Educação & Sociedade**, v. 28, n. 100, p. 1179-1201, 2007.

MORIN, Edgar. **A cabeça feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução Eloá Jacobina. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In:___ (Org.). 2. ed. **Os Professores e a sua Formação**, Lisboa: Nova Enciclopédia, Publicações Dom Quixote, 1995.

PERRENOUD, Philippe. **Pedagogia Diferenciada: das intenções à ação**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ROLDÃO, Maria do Céu. **Currículo e gestão das aprendizagens: as palavras e as práticas**. Aveiro: Universidade de Aveiro. 2000.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. 5ª ed., São Paulo. Cortez, 2008.

SILVA, Ezequiel Teodoro. **A produção da leitura na escola**, Pesquisas x propostas. 2. Ed. SP: Ática, 2010.

SILVA, Jansen Felipe da. **Avaliação na perspectiva formativa reguladora: pressupostos teóricos e práticos**. Porto Alegre: Mediação, 2011.

ZILBERMAN, Regina. Do leitor para leitores: políticas públicas e programas de incentivo a leitura. In: **Leituras no Brasil**: Antologia comemorativa pelo 10º Cole /Márcia Abreu (org.) Campinas: Mercado de Letras, 1995.